

EDITOR, PROPRIETÁRIO
E DIRECTOR (INTERINO)
ARMANDO ROCHA CRUZ

Administrador e Director Adjunto
JOSÉ MACHEIRA

Delegação em Olhão — Rua de S. Pedro, 17

Redacção e Administração — Rua Ministro Duarte Pacheco, 11 — VILA REAL S. ANTONIO

Composição e Impressão — TIPOGRAFIA SOCORRO
Tel. 59 — VILA REAL SANTO ANTONIO

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

UMA DÍVIDA EM ABERTO

O Busto de Luthgarda de Caires em Vila Real de Sto. António

Alvitra-se a abertura de uma subscrição pública para a obtenção de meios materiais, entre todas as mulheres algarvias, para a inauguração do busto da grande poetisa.

Perante tão grandiosa manifestação de solidariedade lançada pelo nosso Jornal, pela pena ilustre de nossos colaboradores, cremos que o Município vila-realense não ficará alheio a tão grande como justa homenagem a um dos seus mais lídimo filhos

PELO MAJOR MATEUS MORENO

NO propósito de alcançar merecido eco a um apelo capaz de despertar o de outros já quase diluídos na penumbra do esquecimento, lancei em 18 de Novembro último, no «Notícias do Algarve», de Vila Real de Santo António, o alvitre de que um decidido espírito feminino local, obfido o apoio do respectivo Município, tomasse sobre si o encargo — legítimo e nobilitante encargo, apraz-me acentuar — de abrir uma subscrição pública entre todas as mulheres algarvias, para a obtenção dos meios materiais necessários — bem modestos aliás — à inauguração, naquela progressiva vila, do admirável busto da sua grande poetisa e escritora Luthgarda de Caires, que há 14 anos aguarda em Belém, no «atelier» do consagrado escultor Raul Xavier, a devida passagem da efemeridade do gesso à eternidade do mármore ou do bronze.

Não têm faltado, é certo, as incitantes referências da imprensa ao sentimento que ditou o referido alvitre, mas, talvez por excesso de modéstia, não apareceu ainda aquele decidido espírito feminino local que me pareceu dever chamar sobre si a missão de transformar a sinceridade de todos os apelos e sugestões sobre o assunto lançados em obra viva, em realidades.

Julgo, entretanto, facilmente se poder encontrá-lo nas interessantes notas semanais da secção «Conta-Gotas» do «Notícias do Algarve», subscritas por D. Maria Manuela Nunes; nos emotivos poemas «Aos Pés da Cruz» e «Paz e Amor», de Feliciano Marim Marques, D. Maria Zagarra, D. Maria José Pontes e pintoras D. Maria Alexandrina Chaves Berger, D. Maria José de Matos Paletti, D. Maria Luísa Tavares, D. Maria das Mercês Paletti Rodrigues, D. Amélia Pires da Silva, D. Melusina Pousão Lopes, D. Letícia Cabeçadas, D. Gertrudes Tengarrinha, D. Virgínia Passos, D. Ilda Cansado e D. Alice de Nazareth Fernandes; as escultoras D. Branca Alarcão e D. Rosalina de Passos; a arquitecta D. Maria José Estanco; as compositoras D. Albertina Freire, D. Guilhermina Coelho de Vilhena, D. Helena Luísa Moreira Viana, etc. Aberta a conveniente subscrição, no Algarve e em Lisboa,



para facilidade do respectivo expediente poderá o recebimento das importâncias inscritas ser centralizado na Casa do Algarve, nomeando-se para o efeito uma pequena comissão de que será delegada a representante local e de que deverá fazer parte, como presidente de honra, o ilustre escritor, médico e conceituado cientista...

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)



Inauguração do Largo Luthgarda de Caires, em Vila Real de Santo António, no dia 18 de Abril de 1937

Electrificação DA ALDEIA DE SANTO ESTEVÃO

FOI concedida aos Serviços Municipalizados de Távira, pelo Subsecretariado do Estado da Indústria, a participação do Estado de 126.600\$00 para a execução dos trabalhos de electrificação da freguesia de Santo Estevão, do concelho de Távira. Os respectivos trabalhos terão de ficar prontos até fins de Maio de 1962.

Vem aí o 6.º baile dos estudantes de Loulé!

FOI em 1955 que um grupo de jovens estudantes de Loulé discutiram a possibilidade de fazer um baile à semelhança do que fazem os estudantes em muitas outras terras, talvez com menos condições. Se bem o pensaram melhor o fizeram, mas algo mais lhes veio à mente: não fazer um baile vulgar, onde se tem como finalidade apenas agradar e dar alguns momentos de prazer àqueles que têm possibilidades de lá poderem ir. Não, eles também pensaram nos que passam essa noite nalgum canto escuro e mais resguardado do frio, por não terem onde se agasalhar...

(Conclui na 6.ª Página)

Recenseamento GERAL DA POPULAÇÃO

Vai efectuar-se às 0 horas do dia 15 de Dezembro o 10.º Recenseamento Geral da População Portuguesa.

Trata-se de uma operação da maior importância que se destina a averiguar qual é a população de Portugal e quais as suas condições de vida e de trabalho.

Essa indagação é necessária para o Governo conhecer bem as necessidades de cada terra, das várias profissões e do País inteiro.

O recenseamento é feito por meio de boletins de família e de convivência, que serão preenchidos respectivamente pelos chefes de família e de convivência. Esses boletins vão ser distribuídos em todas as casas ou locais de habitação entre 7 e 10 de Dezembro.

Os chefes das famílias ou das convivências aos quais não forem distribuídos boletins devem pedi-los ao Regedor.

Conta Gotas

Par D. MARIA MANUELA NUNES

Esta manhã...

A manhã estoira numa infinidade de cristais amáveis.

Os cristais reflectem-me. Como eu trazem os olhos espantados e cantam.

Há razões para estarmos alegres

O inverno deste dia é absolutamente formal. Há uma alegria incontida.

Frio — mas não nos corações. A Paz está mais forte do que nunca.

O inverno mente e quem tem razão é a vida.

Festa

Para comemorar este dia (que só porque tem sol será eterno) saio de casa, vou almoçar fora.

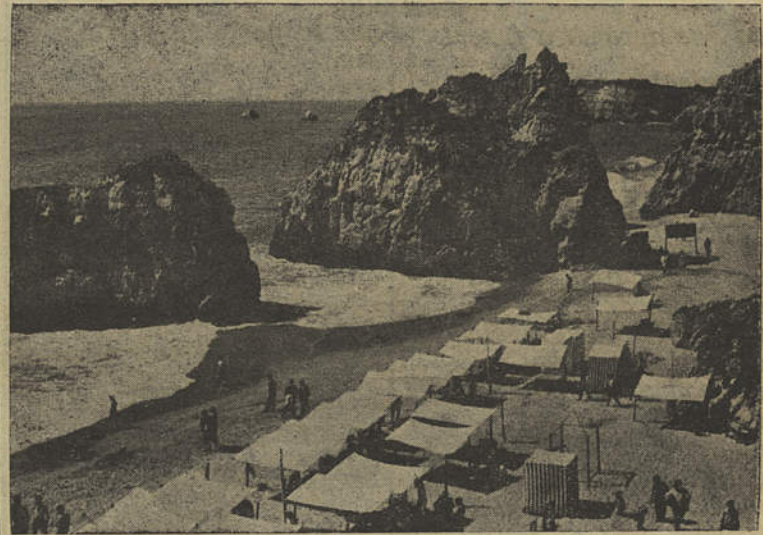
Esta verdade conhecem-na os pobres: almoçar fora é uma festa.

O bacalhau — mesmo à biscainha — não deixa de ser o bacalhau

(Conclui na 2.ª página)

UMA ESTRADA MARGINAL VIRÀ LIGAR A PRAIA DA ROCHA À PITORESCA ALDEIA DE ALVOR

OTURISMO é, na nossa província, um dos problemas que se reveste da maior acuidade, dada a multiplicidade das suas vantagens e a diversidade de critérios dos que o incrementam. É, a nossa província, pelo rendilhado da sua orla marítima, uma sucessão de praias de extensos areais mais ou menos cosmopolitas, mais ou menos modestas e pitorescas. Tem-se verificado, a quando da urbanização dos grandes centros



turísticos balneares, e mesmo já em algumas praias portuguesas, a necessidade, para maior atracção turística, da construção de estradas marginais, que dêem ao turista o encanto da paisagem marítima, vasta e empolgante, tão do agrado do turista que passa o resto do ano cercado de prédios arranha-céus que por meio deles deixam passar a custo pequenas résteas de sol.

É a nossa província dos centros turísticos que maiores e mais favoráveis condições oferecem para a construção de uma estrada marginal que, principiando em Vila Real de Santo António, ligasse

(Conclui na 6.ª Página)

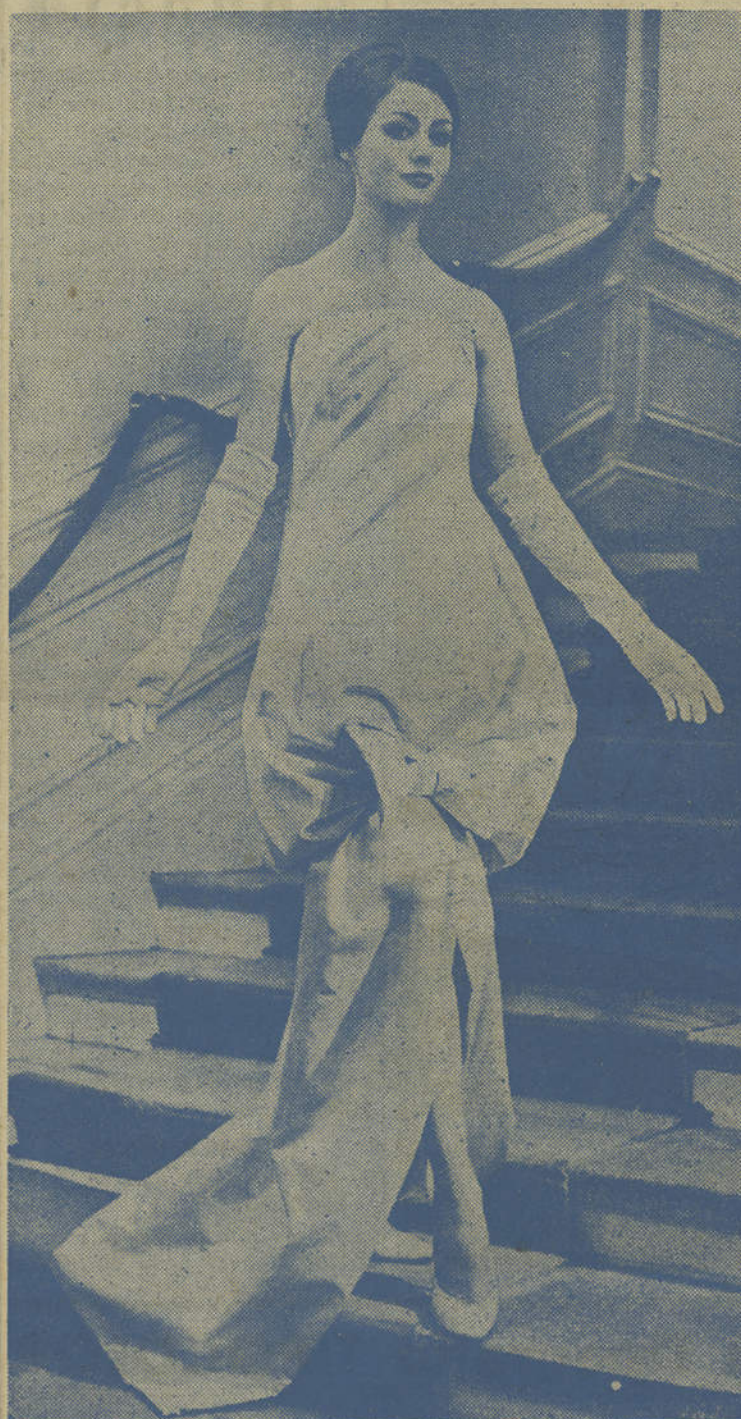
A CASA ONDE NASCEU O Grande Poeta e Pedagogo Algarvio João de Deus

Do ilustre artista silvesense, prof. Samora Barros, recebemos a seguinte carta dirigida ao leitor do nosso jornal que se interessou em saber concretamente qual a casa onde nasceu João de Deus, carta que gostosamente transcrevemos:

NO jornal «Correio do Sul» de 10 do corrente, li na 2.ª página uma local com o título «Breve resposta a uma pergunta a propósito de João de Deus». Nessa local V. Ex.ª, leitor do «Notícias do Algarve» pergunta se de facto a casa onde figura uma lápide alusiva ao nascimento de João de Deus foi aquela onde o poeta nasceu; e faz a pergunta

porque uma senhora idosa lhe dissera que nessa casa da lápide (R. do Prior) não tinha o poeta nascido. Então resolvi perguntar ao jornal «Correio do Sul» se seria assim. E se poderia esclarecer-se o facto? O «Correio do Sul» responde que na casa da lápide não nasceu, viveu nela apenas. E acrescenta e muito bem, porque é verdade, que a «profunda tradição» local aponta outra casa (R. da Estalagem) cujas fotografias já foram editadas há anos. Ora como quem pergunta quer saber e como eu posso e devo confirmar a resposta do «Correio do Sul», vou dar algumas indicações úteis — 1.ª A casa da lápide só foi adquirida e habitada pelo pai do poeta em 1854. E João de Deus tinha nascido em 1830. Tinha já quatro anos quando foi viver para a R. do Prior — 2.ª Em o fascículo 16-18 da revista «Alma-Nova» — Vol. II-III série, publiquei, eu, um inquérito que fui fazer a Messines, pela mesma razão de querer saber acerca do assunto «Casa onde nasceu» visto a lápide nada dizer. Para isso ouvi há já 36 anos (!) homens e mulheres já velhas nessa época, cujas idades andavam à roda dos 80 aos 88 anos. Foi J. Cortes (80 anos) há 36 anos!, que me disse ter o seu pai comprado ao pai do poeta esta agora sua casa situada na R. da Estalagem (ou Cais de Cima) tendo-me mostrado, por seu pai lho dizer, o quarto onde nasceu João de Deus, afirmação esta corroborada por todos aqueles que responderam ao meu inquérito, cujos nomes estão publicados. Ainda esse J. Cortes me autorizou a fazer a planta da casa, o que tudo enviei ao director da revista «Alma Nova», Mateus Moreno, que gostosamente publi-

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)



Da famosa colecção Dior apresentamos hoje um original vestido, magnificamente enfeitado com um enorme laço que prende a amplitude da saia um pouco acima do joelho

Benefícios em Armação de Pera

A CÂMARA Municipal de Silves deliberou dar a sua inteira aprovação à construção referente ao lanço de estrada de Armação de Pera ao Parchal.

E logo que a Direcção de Urbanização de Faro dê a sua adesão, a respectiva obra será posta a concurso.

Também, sobre a elaboração de trabalhos topográficos, foi apresentada a proposta do sr. Manuel Faustino Madeira, com a informação do sr. eng. municipal de que são aceitáveis os preços. A Câmara de Silves deliberou aceitar a proposta e suas condições, com excepção da alínea primeira.

Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

comido em nossas casas. As batatas são compostas do mesmo e único amido.

O molho é precisamente igual ao que aprendi a fazer.

Burricé! É tudo tão diferente...

É diferente é inabitual é um dia com sol são duas mãos apertadas sobre a toalha branca é o gosto de viajar nem que seja de eléctrico é a gota de vinho que o médico proibe em casa é a surpresa de ter apetite é ver pessoas a comer (comer, isto é: gostar da vida)

é ser dia assinado.

Dirão vocês: o pior é a conta...

Sim... Mas não: nenhum preço me parece elevado.

Dia meu irmão

Dia de inverno a quem o inverno chamará traidor, porque foste bom compreensivo solidário, dia que trouxeste tréguas para os pobres, dia que recusaste a herança da família: dentes caninos garras impudor



José Guerreiro Cristina Júnior

Depois de alguns dias doente, vitimado por uma bronco-pneumonia, faleceu no passado dia 19 de Novembro, em Cruz do Morto, sítio da Bornacha, de Vila Nova de Cacela, onde residia, o sr. José Guerreiro Francisco Junior, de 69 anos de idade, antigo Regente do Ensino na Corte António Martins e na altura do seu falecimento a exercer o cargo de Fiscal do Mercado 1.º de Dezembro, desta freguesia.

O extinto, que gozava da estima e consideração dos seus conterrâneos, dadas as suas belas qualidades de carácter, deixa viúva a sr.ª D. Rita Cristo Cristina. Era pai das sr.ªs D. Maria Cristina Cristo e de D. Maria Celeste Cristo Cristina e sogro dos srs.: Joaquim Salgueiro Vaongo, motorista e de António Elvino da Silva, marceneiro; e irmão das sr.ªs D. Júlia Guerreiro Cristina Peres e D. Maria Guerreiro Cristina Gomes e cunhado do nosso co-aborador sr. Luís Sebastião Peres, funcionário dos Organismos das Pescas, em Lisboa, e do sr. José Gomes, Guarda Fiscal aposentado, em Cacela.

No seu funeral, que constituiu sentida manifestação de pesar, incorporaram-se muitas centenas de pessoas desta Vila, de Vila Real de Santo António e da Condição de Tavira.

José Parreira Palma Cano

Faleceu em Serpa, o sr. José Parreira Palma Cano, de 60 anos, proprietário e lavrador, casado com a sr.ª D. Hermenegilda Parreira Cano, pai da sr.ª D. Emília Parreira Palma Cano Pulido Garcia e dos srs. João Diogo Gomes Parreira Cano, proprietário do jornal local «Novas de Serpa», e José, João Maria e António Manuel Parreira Palma Cano; e sogro das sr.ªs D. Maria Isabel Machado Parreira Cano, D. Maria Antonieta Palma Cano, D. Maria do Rosário Parreira Cano e D. Josefa Assis Parreira Cano, e do sr. dr. Francisco Inácio Horta Cano Pulido Garcia. Era pessoa muito estimada pelas suas qualidades de carácter e era caçador de prestígio.

As famílias enlutadas, «Notícias do Algarve» apresenta sentidos pêsames.

olhos de fogo orelhas moucas, dia que te aventuraste a arvorar a bandeira da alegria na própria fortaleza do pesadelo invernos, dia que teimaste em ser dia dia apenas dia dia de cada um amar em pleno dia, dia!, obrigado e para ti o meu canto que a noite não venceu.

Maria Manuela Nunes



VILA-REALENSES:

Se quereis engrandecer o clube da vossa terra, inscrevei-vos para sócio do

LUSITANO FUTEBOL CLUBE

AGENDA

TRAINEIRAS

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António de 25 de Novembro a 1 de Dezembro

| | |
|----------------------|-------------|
| Triunf nte. | 96.00\$00 |
| Les e | 75.50\$00 |
| Maria Rosa. | 61.220\$00 |
| Refrega. | 54.320\$00 |
| Infante. | 49.310\$00 |
| Tufão | 48.640\$00 |
| Conceicanita | 47.600\$00 |
| Audaz | 44.080\$00 |
| Marilú | 43.200\$00 |
| Pérola do Guadiana | 39.830\$00 |
| Raulito | 37.060\$04 |
| Norte | 36.00\$00 |
| Brisa. | 35.330\$00 |
| Aguaão | 34.760\$00 |
| Resauração | 33.187\$00 |
| Fior do Guadiana | 28.410\$00 |
| Fior do Sul | 22.340\$00 |
| Suestada | 19.170\$00 |
| Vulcão | 18.080\$00 |
| Liberta | 15.900\$00 |
| Salvaçora | 13.380\$00 |
| Costa Azul. | 13.900\$00 |
| Carinha | 13.030\$00 |
| Janita | 11.730\$00 |
| Sr.ª da Saúde | 10.580\$00 |
| Cuzeiro do Sul | 8.240\$00 |
| Aivarito. | 7.570\$00 |
| Amazona | 6.830\$00 |
| Nova Sr.ª da Piedade | 4.495\$00 |
| Trio. | 3.950\$00 |
| Fernando Carlos | 3.770\$00 |
| Estrela do sul. | 3.600\$00 |
| Oeste | 1.250\$00 |
| Total | 940.302\$00 |

| | |
|---|-------------|
| Peixe diverso apanhado por várias embarcações | 19.150\$00 |
| Total | 959.452\$00 |

Só uma cabeça fresca domina os problemas da vida profissional



Defenda-se das dores de cabeça, cansaço e abatimento, tomando **Cafiaspircina** garantida pela **BAYER**

A Tipografia TIPOCOLOR

Chama a v/ atenção especial para a qualidade dos seus trabalhos.

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO

BANDA DA MOCIDADE PORTUGUESA

DEPOIS de aturados ensaios, ministrados pelo sr. Manuel Moia, saíu no dia 1.º de Dezembro, percorrendo as ruas da vila, a Banda de Música da Mocidade Portuguesa, de Vila Real de Santo António.



EM CENA NO TEATRO VARIEDADES "CUCURUCUCU"

A autoria do comediógrafo espanhol, Alfonso Paso, a peça que o «Varietades» estreou na sexta feira, 18 de Nov.º, agradou-nos plenamente; e, note-se, fazemos esta afirmação desassombradamente, porque os tunamos dizer a verdade, doa a quem doer.

E, apesar do mundo ser composto de mentiras e verdades, nós optamos pela verdade e nada nos fará demover da nossa ideia de imparcialidade.

Estas linhas vêm a propósito da crítica dura, mas imparcial, que fizemos à peça «Plausino, Homem de Letras».

Mas para nós, amantes do teatro e habituados desde há longos anos a assistir à representação de todas as peças e revistas e, ainda, à convivência com alguns artistas e críticos, só nos é possível «dar a César o que é de César».

Por isso, quando caiu o pano sobre a representação da peça

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Por este Juízo e Secção de Processos, pendem uns autos de Acção Especial de Divisão de Coisa Comum, em que são Requerentes: o Digno Agente do Ministério Público junto desta comarca, em representação da Fazenda Nacional e Requeridos: Manuel António Margarida e mulher Maria Domingas, residentes no sítio das Hortas, subúrbios desta vila; Henrique Lázaro Martins e mulher Eugénia Maria, residentes no sítio de Guerreiros do Rio, freguesia de Alcoutim; e Jovita do Carmo Guerreiro Martins, solteira, maior, residente na cidade de Faro, na Rua Rasquinha n.º 23, e neles correm éditos de 20 dias citando os crédores desconhecidos dos ditos requeridos, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, que se contará da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos dos art.ºs 864.º e seguintes do Código de Processo Civil. Vila Real de Santo António, 23 de Novembro de 1960.

O Chefe da Secção, a) Victor Carlos Pontes Vilão Verifiquei: O Juiz de Direito, Victor Manuel Lette Marreiros

MISCELÂNEA

PENSAMENTOS

* Aquele que primeiro estende a mão prova a sua grandeza, o seu coração e a sua inteligência.

Jacques Lelonch

* O teatro é a literatura da gente da cidade que não tem tempo para ler.

S. Beuve

* Os vícios são próprios dos homens e não dos tempos.

Séneca

* O querer é quase sempre poder; o que é excessivamente raro é o querer; e o erro vulgar consiste em confundir o desejar com o querer. O desejo mede os obstáculos, a vontade vence-os.

Alexandre Herculano

* A verdadeira coragem não consiste em chamar a morte, mas em lutar contra o infortúnio.

Séneca

ANEDOTAS

No comboio:

— É capaz de me dizer se posso sair no Lavradio?

Temporais NO ALGARVE

SOB os efeitos dos últimos temporais que se fizeram sentir na nossa província, na ilha da Culatra, fronteira ao porto comum Faro-Olhão, o mar bastante enrespado continua a dominar as areias e delimita a linda praia. Também, devido às escavações provocadas pelas vagas, se encontra ameaçado o farol do cabo de Santa Maria.

Chegados ao final destes breves apontamentos estamos certo que «Cucurucucu» vai ser um êxito e a sua graça permitirá àqueles que se deslocarem ao Teatro «Varietades» esquecerem momentaneamente, as agruras da vida.

Diniz D. Martins da Silva

— Acho que sim, mas tenha cuidado porque o comboio não pára.

No museu:

— Pode-se dizer que interesse tem este crâneo? — Pertencia a Napoleão, meu caro senhor.

— Não pode ser, é muito pequeno!

— Pois é. Mas era o crâneo dele, quando era pequenino...

— Papá, gostava imenso de ser rio.

— Que disparate, meu filho. Para quê?

— Ora... para estar sempre no leito.

Definição: — Diplomata, é uma pessoa que pensa duas vezes antes de não dizer nada — Arthur Mendonça.

A esposa — Geralmente falando, as mulheres estão...

O marido — Estão, sim!

A esposa — Estão, o quê?

O marido — Geralmente falando!

Entre amigos:

— O que foi que ele te chamou?

— Lacónico!

— E isso que queres dizer?

— Sei lá! Mas à cautela fui-lhe arrumando logo um murro nas ventas!

No tribunal:

— Como se chama o réu?

— Se V. Ex.ª me permite, sr. dr. Juiz, peço licença para guardar o incógnito.

EM PORTIMÃO

Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE» no CAFÉ NACIONAL e na BARBEARIA DESPORTIVA (de João Bonito)

O Fostato Thomas ao Serviço da Lavoura

Boas searas... Bons olivais... Bons pastos... Bons arrozais...

TUDO ISTO COM



Terras Bem Adubadas Boas Colheitas Asseguradas

página de ARTES E LETRAS

RECORDANDO UMA DATA MARK TWAIN

FEZ precisamente no dia 30 de Novembro, 150 anos, que nasceu o famoso novelista e humorista norte-americano conhecido pelo pseudónimo de Mark Twain. De seu nome SAMUEL LANGHORNE CLEMENS, nasceu efectivamente em 30 de Novembro de 1835 tendo falecido em 21 de Abril de 1910, depois duma vida movimentada e na qual nos legou uma obra encantadora pela ingenuidade das suas personagens e pelas extraordinárias composições que conseguiu redigir com factos aparentemente estereis. Orfão de pai aos 13 anos, fez-se aprendiz de tipógrafo e percorreu muitas cidades, saltando de emprego em emprego, com uma facilidade surpreendente. De 1851 a 1861 foi piloto dos barcos que navegavam no Mississippi, e com a guerra civil tornou-se mineiro para depois, bruscamente, ser director dum jornal na Virginia, em 1862. Percorreu meio mundo em demoras deambulacoes, tendo nessa altura dedicado-se ao Teatro. Escreveu «The Gilden Age», «Aventuras de Tom Sawyer» (1876), «A Tramp Abroad» (1880), «O Roubo do Elefante Branco» (1882), «Punch Brothers Punch», «O Príncipe e o Pobre», «As Aventuras de Huckleberry Finn», considerada a sua obra-prima, e muitas outras, numa fonte inesgotável de imaginação.

Quando visitou a Inglaterra, o seu país preferido, fizeram-no doutor «honoris causa» pela Universidade de Oxford e foi recebido no Palácio Real.

A obra de Mark Twain é merecedora, sem dúvida, da nossa simpatia e daqui colocamos em pensamento, na sua sepultura em Redding, estado de Connecticut, um singelo ramo de flores, símbolo do nosso reconhecimento a um dos maiores literatos americanos.

J. S. M.

A NOSSA ANTOLOGIA (6) GUERRA JUNQUEIRO

GUERRA Junqueiro, à parte os termos violentos que abundam na sua poesia quando crítica a religião e o estado, é, sem dúvida, um dos grandes poetas do alvorecer do nosso século. Tão grandiosa é a sua obra que Unamuno o considerou, mesmo, o maior poeta europeu do século XX.

A musicalidade sonora das suas rimas impressiona quem as lê, e os seus anátemas revolucionários foram a expressão dos ideais que os realistas se esforçaram por universalizar.

Acamaradou com Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, apresentados já na «Nossa Antologia», e ainda com Oliveira Martins e Antero do Quental, constituindo com eles o celeberrimo Grupo dos Cinco — notável pela coesão dos ideais de cada um dos seus componentes, verdadeiro directório realista, batalhador insano e inextinguível muralha onde sucumbiam os ataques deferidos pelas outras escolas literárias.

Tal coesão de vontades e sentimentos pasmou o mundo literário de então. Primeiro, por nunca antes tal se ter visto e segundo, por, ao contrário do que seria de esperar, o entusiasmo (devoção, mesmo!) com que iniciaram não ter esmorecido com o decorrer dos anos, mas, pelo contrário, aumentado, mais e mais, sem invejas mútuas e sempre irmanados em defesa da causa comum.

Guerra Junqueiro era precisamente o mais jovem dos cinco mas, nem por isso, deixou de se impor tão profundamente como qualquer dos outros, salientando-se pela crítica mordaz, tal como Eça, e pela perseguição implacável que moveu a todo o pensamento religioso ou monárquico.

Como fiel discípulo do Realismo, todas as suas obras estão impregnadas das tendências revolucionárias da escola, muito embo-

ra também adivinhemos nelas uma pequena influência romântica, especialmente quando a sua inspiração se torna enternecedora e melancólica. E isso não nos admira ao sabermos que no final da sua carreira literária, Junqueiro renunciou por completo à crueza da crítica desenfreada que a tudo e a todos movia. Foi por essa ocasião que começou a frequentar os então famosos *outeiros*, festas intelectuais incluídas nas celebra-



ções do empossamento das abadessas nos mosteiros, e que por isso se denominavam *abadessadas*. A sua poesia sofreu, naturalmente, profundas alterações e a delicadesa e suavidade da sua nova lira impuseram-se então, alcançando-o a um lugar de destaque, de todo merecido, na nossa literatura.

Abílio Manuel de Guerra Junqueiro nasceu em 1850 em Freixo de Espada à Cinta e faleceu em 1925. Depois de terminar no Porto os estudos secundários, matriculou-se na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, tendo a frequentado em 1866 e 1867. Em 1868, por conveniências

personais, transferiu-se para Direito, onde se bacharelou em 1873. Iniciou-se então na carreira administrativa, tendo sido Secretário Geral dos distritos de Angra do Heroísmo e Viana do Castelo e depois, em 1878, deputado pelo Partido Progressista, de Macedo de Cavaleiros. Farto, entretanto, das intrigas políticas em que por via das suas funções andava envolvido, enfestiu-se daquela carreira, tendo-a trocado pela agricultura.

No que respeita à sua obra poética, temos que a dividir, segundo a opinião da maioria dos seus estudiosos, em três fases, aliás como a obra de Eça e mesmo a de qualquer outro do Grupo dos Cinco. E assim teremos: 1.ª fase: De 1864 a 1875, onde a orientação estilística não está ainda bem vinçada. Nela, estão incluídas as seguintes obras: «Duas Páginas do 14 anos», de nulo valor literário pela idade em que foi escrita; «Mythicae Nuptiae» (1866); «Vozes sem Eco» (1867); «Baptismo de Amor» (1868), todas elas de tendência nitidamente romântica e,

(Conclui na 4.ª página)

A JANELA

Conto de CANDEIAS NUNES

Às sete e meia da tarde, quando o sr. Teixeira dava por terminada a correspondência e punha nos papéis a última assinatura lançando dois pingos de tinta sobre os *is*, o homem sentia-se cansado, como se um peso imenso caísse sobre os ombros da sua inutilidade. Meia hora depois, colados os selos e arrumada a papelada, o escriturário dava com mansidão as duas voltas à chave e vinha devagar até ao marco da esquina, onde deixava cair uma a uma, como um ritual, as provas do seu trabalho, o produto do seu esforço miserável e ineficaz.

Dirigia-se então ao restaurante onde jantava: a sopa, o bife regado com um decilitro de branco, o ovo cozido lhe amargava a digestão.

E às nove horas, ridículo como se arrastasse consigo uma cauda de macaco, o homem subia os cinco lances de escada até ao quarto onde o esperava a solidão. Porque o escriturário do sr. Teixeira — J. Gaspar Teixeira — Ferragens — Compra e Venda de artigos nacionais e estrangeiros — era um tímido e, como todos os tímidos, um solitário.

Vivia naquele quinto andar, com uma janela debruçada sobre o rio. De manhã, quando saía, havia roupa a traçar, gatos mansos estendendo as patas num bocejo, gritos, pregões, e mais além os barcos na faina de todos os dias. À tarde, no regresso, a cidade mudara de aspecto, arrastava-se cansada, os barcos presos nas argolas do cais, a bruma pesada cortada de luzes. Se acaso um grito ou uma risada riscavam a solidão da noite, o escriturário estremecia, de medo ou de frio, e ficava-se vagamente a pensar na sua aldeia perdida na planície alentejana, o pai António, a mãe Maria que diria às comadres que viessem por novas:

— Pois lá anda, amiga... Já ganha um conto e duzentos. Se tiver juízo tem a vida arrumada.

Um conto e duzentos, a vida arrumada... E a cidade entrando pela janela como uma mão gelada. E as saudades da casa, os pais e os primos, os amigos da escola industrial, o Albertino que continuou na tropa, a Maria Alice das tranças cor de trigo maduro... Todos, todos. Onde estão, onde estão? Tu, Mãe, tu, Pai, tu, Zé Carlos, tu, Gervásio, Albertino, Maria Alice, onde estão todos? Não vos encontro nos homens de rosto duro que me não olham; nem nas mulheres que tenho procurado, e as outras, inacessíveis, que não procuro; nem no apelo do rio omnipresente; nem nas avenidas e ruas e vielas desta cidade turva cujo asfalto, como uma lousa impiedosa, sepulta milhões de cadáveres esquecidos; nem no céu; talvez no sol que, apesar de tudo, também é alentejano; talvez em mim, oh sim, de certeza em mim, na minha memória, na minha saudade triste de todos vós, Mãe, Pai, Zé Carlos, Gervásio, Albertino, Maria Alice...

Naquela tarde, era domingo. O escriturário tímido e solitário alentejano do sr. Teixeira — que lança borrões sobre os *is* da assinatura não tem nada que fazer. Ficou no quarto, à janela. Vê a cidade, sente-a, cheira-a, mas não lhe adere. Tem

(Conclui na 4.ª página)

UMA ANTOLOGIA SUECA DO CONTO PORTUGUÊS

Portugisiska Berättare

CHEGOU-NOS a notícia de que, no mercado sueco, havia sido lançada uma Antologia de Contos Portugueses. É ela PORTUGISISKA BERÄTTARE (em tradução livre: CONTISTAS PORTUGUESES) e foi seu organizador ARNE LUNDGREN, secundado por ERIK GYBERG e SVEN BJELLRUP.

Esta Antologia que para nós, portugueses, é motivo de orgulho, despertou na Suécia um interesse extraordinário, tanto por parte da crítica como até do público leitor. E esta aceitação não é de estranhar pela razão simples de que as nossas Letras são quase que desconhecidas nos países nórdicos. Simplesmente «A Sloba» (UR SKOGEN) de Ferrel de Castro merecera antes a tradução de Astrog Davidson. Mas agora, ao impulso da boa-vontade de ARNE LUNDGREN — grande admirador da nossa Literatura e por ela apaixonado — vão ser editadas todas as nossas mais preponderantes obras literárias e aquelas que melhor poderão dar a conhecer a elite dos nossos intelectuais. É, sem sombras de dúvida, uma ideia felicíssima e os próprios jornais nórdicos manifestaram-se a favor, encorajando o autor a prosseguir no seu intuito.

Per Drougge, um dos críticos suecos mais abalizados, afirmou, a propósito, no jornal «Arbetare», que LUNDGREN «realizou uma acção de pioneiro abrindo as portas à literatura de Portugal, que até agora era inacessível para nós». E Christer Killman, outro grande crítico literário, confessou no jornal «Hufvudstadsbladet» que «os países nórdicos são precisamente aqueles que menos contacto mantêm com a literatura portuguesa. A Antologia de ARNE LUNDGREN é uma pequena parte do bloco de traduções que devia preencher essa lacuna... na nossa cultura».

Posto isto, vejamos a obra em si. Na capa, uma imagem dos nossos barcos pesqueiros em fundo amarelo, e os seguintes dizeres: Nesta Antologia dá-se pela primeira vez ao público sueco uma imagem da literatura moderna de Portugal. Nove escritores são apresentados cada um com o seu conto e destes, oito estão ainda em plena actividade — entre eles Aquilino Ri-

beiro e Miguel Torga, dois nomes recentemente indicados como candidatos ao Prémio Nobel».

Desfolhando, então, as 245 páginas da obra, encontramos o prefácio e notas do tradutor e, depois, os nove contos escolhidos, precedidos cada qual dum estudo crítico sobre o autor respectivo. São eles: «José Mitias», de Eça de Queirós; «António das Árabs e o seu cão Pilatas» de Aquilino Ribeiro; «O Senhor dos Naegantes» de Ferrel de Castro; «Maria do Ahu» de José Régio; «Vicentes» de Miguel Torga; «História



Raquel Roque Gameiro — «Casal de Saloios»

de Venâncio, segundo Oficial» de Joaquim Paço d'Arcos; «A Voz da Estepe» de Castro Sermeno; e, finalmente, «Nasci com Passaporte de Turista» de Alves Redol.

No final do livro uma vasta e muito completa bibliografia que inclui, além das obras dos autores seleccionados, as traduções de delas se fizeram.

Não cabe no âmbito deste breve apontamento, verificar se a selecção de ARNE LUNDGREN foi a melhor que se poderia fazer, ou não. E, sobretudo, não queremos atrever qualquer comentário crítico. Todavia, acentue-se, sem de modo algum querer desvalorizar a obra, que nos parece, contudo, que LUNDGREN foi influenciado pelas suas próprias predilecções e, por consequência, a sua Antologia não dá ideia total do que é presentemente o nosso

(Conclui na 4.ª página)

Lágrimas e Rosas

No túmulo de Inês depus, um dia, uma rosa de alvura imaculada.

Quando voltei, a rosa perfumada, que lhe deixara, já não existia...

Um leve cicizar se apercebia no silêncio da gélida morada... Era a rosa que estava sepultada e, muito de mansinho, me dizia:

— Desci para beijar os seus cabelos, que ainda são doirados, e tão belos como o sol que ilumina um campo em flor!

Sonho com ela os sonhos do Passado, e aqui, junto ao seu peito enamorado, sinto-o ainda suspirar de amor...

Luthgarda de Caires

In «Violetas»

Novidades Literárias

Um livro do Prof. Adriano Moreira

● O prof. Adriano Moreira, Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, acaba de publicar um livro a que deu simplesmente o título de «Ensaio».

Inclui neste número treze valiosos trabalhos, todos, agora, de extrema oportunidade.

Mais um número da Revista «PANORAMA»

● Saiu o número de Outono da revista «Panorama». Entre os colaboradores do número figuram os Profs. Marcello Caetano e Gustavo Cordeiro Ramos.

«Os Descobrimientos Portugueses»

● Da monumental obra de Jaime Cortezão, «Os Descobrimientos Portugueses», editada pela Arcadia, foi agora distribuído o vigésimo fascículo.

● Foi reeditado na Coleção Saber, o volume «A arte de Pintar», de Tristan Klingsor. O volume, além dos extra-textos que valorizavam a primeira edição vem agora enriquecido com a reprodução, em tricromia, de uma «natureza morta» de Picasso. A tradução é assinada pelo Dr. Mário Dionísio.

PRÉMIOS DE REVELAÇÃO

● Regulamento dos «Prémios de Revelação» instituídos pela Sociedade Portuguesa de Escritores

1 — A fim de estimular a revelação em livro de novos escritores, facultando-lhes a edição das obras, a Sociedade Portuguesa de Escritores, de harmonia com as suas disposições estatutárias, institui os seguintes prémios de revelação, a conceder anualmente, para trabalhos inéditos de géneros literários a seguir mencionados:

a) Prémio de revelação de romance ou novela ou colecção de contos;

b) Prémio de revelação de poesia;

c) Prémio de revelação de ensaio;

d) Prémio de revelação de teatro.

2 — Os prémios de revelação a que deverá dar-se toda a divulgação possível serão conferidos em diploma de que constem o nome do autor e da obra, e o género e o ano, e conferem os seguintes direitos:

a) O uso para a obra premiada da designação de «Prémio de Revelação de... do ano de... conferido pela Sociedade Portuguesa de Escritores» com a indicação dos componentes do júri que a escolheu;

b) A edição da obra nas condições estabelecidas neste regulamento;

(Conclui na 4.ª página)

Duas Trovas de BELMIRO BRAGA

(brasileiro)

I

As almas de muita gente são como o rio profundo: — a face tão transparente, e quanto lodo no fundo!

II

Teu coração é morada que não atraí, felizmente: — Quem nele arranja pousada encontra a cama ainda quente.

O «Notícias do Algarve» vende-se na Livraria CAPELA, em Olhão.

Uma nova Editorial

Minotauro

MINOTAURO não será apenas mais uma editorial, porque visa essencialmente à expansão e defesa dos valores culturais. Essa a linha que a define e ela reclama ao propor-se difundir por entre o grande público, através de traduções rigorosas de fidelidade e artísticas no acabamento, as obras maiores do património universal. Títulos como «A Divina Comédia», de Dante; o «Fausto», de Goethe; o «Decameron», de Boccaccio, falam por si.

Para esse efeito, para que o leitor português tenha acesso ao mundo de irradiante beleza das grandes criações do passado, «Minotauro» rodeou-se de um grupo de escritores dos mais reconhecidamente qualificados para essa empresa, tais como Fernando Botelho, Natália Correia, Maria Judite Carvalho, Natércia Freire, Sophia de Melo Breyner Andresen, Alexandre O'Neil, Armindo Rodrigues, David-Mourão Ferreira, Delfim Santos, Vieira de Almeida, Luís Francisco Rebelo, Urbano Tavares Rodrigues, entre muitos outros.

«A Divina Comédia», primeira das suas publicações, será prefaciada pelo prof. Vieira de Almeida e traduzida, em versos brancos medidos, por três poetas portugueses de primeira grandeza: Fernando Botelho, Sophia de Melo Breyner Andresen e Armindo Rodrigues, encarregados também das notas que acompanharão o texto. Da versão de «Fausto», cujo prefácio está a cargo do prof. Delfim Santos, se ocupará Manuela Marques dos Santos, uma das melhores tradutoras. Quanto ao «Decameron», obra riquíssima de colorido social e de matizes psicológicos e morais, além de um modelo eterno da arte de contar histórias, será traduzida por um grupo de nomes que nos oferecem a máxima garantia: Afonso Botelho, Alexandre O'Neil, Mourão-Ferreira, Maria Judite de Carvalho, Natália Correia e Urbano Tavares Rodrigues.

A Editorial «Minotauro» já lançou três fascículos de «A Divina Comédia», magnificamente ilustrados. Num próximo apontamento referir-nos-emos mais pormenorizadamente a esta publicação.

COMEMORANDO

O 1.º DE DEZEMBRO

(Conclusão da 6.ª Página)

festejado dia 1.º de Dezembro de 1640, não foi apenas através desses heróicos patriotas chefiados por João Pinto Ribeiro. Com eles estava a Nação inteira! Com eles, também, a totalidade dos portugueses honrados, de todos os que nunca descreveram da vitória final!

E os traidores foram varridos dos seus pedestais de barro. E o sol do patriotismo encheu as almas, galvanizou a vontade, pintou de alegria o coração de todos os bons portugueses. A tal ponto a libertação estava identificada com a ideia da Pátria, que todas as duras batalhas que se seguiram para a reconquista de seu domínio sobre a terra portuguesa pelos exércitos castelhanos foram heróica e valentemente ganhas pelos portugueses de então!

Glória eterna a todos os patriotas desse longínquo 1.º de Dezembro de 1640!
Viva Portugal!

Álvaro Cansado

A NOSSA ANTOLOGIA (6)

Guerra Junqueiro

(Continuação da 3.ª Página)

ainda, «A Vitória da França» (1870); «Espanha Livre» (1875) e «O Crime» (1875), estas já demonstrando inclinação para a crítica e a rebelião. Colaborou ainda na «A Folha», periódico dirigido por João Penha e célebre por ter sido o baluarte do Parnasianismo em Portugal.

2.ª fase: De 1877 a 1890, onde Junqueiro se torna o crítico social que nada perdoa, seguindo já fervorosamente as normas realistas, a tal ponto que chegou a cair no nihilismo. É nesta fase que incluímos: «A Morte de D. João», um dos mais representativos manifestos da escola realista e uma sátira cruel ao sentimentalismo amoroso dos românticos; «A Musa em Férias» (1879), terrível demolição aos conceitos sociais; «A Velhice do Padre Eterno» (1885), onde põe a ridículo o fanatismo religioso da época, e, finalmente, «Finis Patriae» (1890) à qual se juntou, depois, em 1896 o poema: «A Inglaterra», e que é, talvez, a sua melhor obra, levando em linha de conta o aspecto combativo e revolucionário com que se insurgiu contra o ultimatum.

3.ª e última fase: A partir de 1892 e que foi a fase da reabilitação do poeta, tendo ele próprio

chegado a condenar algumas das suas obras mais violentas. O seu poeta retomou os cânones românticos, embora um tanto adulterados por ideias simbolistas, então já muito em voga. Nesta fase apareceram: «Os Simples» (1892), «Oração ao Pão» (1902), «Oração à Luz» (1903) «Poemas Dispersos» (1920) e «Prosas Dispersas» (1921).

Como todos os inovadores da literatura e, mesmo não indo tão longe, como todos os valores literários consagrados, Junqueiro teve também os seus admiradores, mas também teve os seus adversários, com menção especial para o Padre Sena de Freitas, que na sua «Autopsia à Velhice do Padre Eterno», disseceu até ao âmago toda a urdidura poética da obra, condenando-a em todos os seus aspectos.

A poesia que escolhemos para ofertar aos nossos leitores extraiamo-la de «Finis Patriae» que, como já dissemos, é apontada como uma das obras soberanas do poeta. É pena que nela se respire um pessimismo exagerado e derrotista porque, então, teríamos, sem sombra de dúvida, uma das mais sublimes e exaltadas obras patrióticas.

*É negra a terra, é negra a noite, é negro o luar.
Na escuridão, ouvi!, há sombras a falar:*

(falam casebres de pescadores)

*Mar pavoroso, mar tenebroso,
Profundo mar!
Fúrias eternas, fúrias eternas.
Nas ondas negras há cavernas
Com monstros negros a ulular.*

*Mar soluçante, mar trovejante,
Nocturno mar!
Ventos e frios, ventos e frios.
Nas ondas torvas há navios
Com marinheiros a cantar.*

*Mar de tormenta, mar que rebenta,
Convulso mar!
Noites inteiras, noites inteiras.
Nas praias tristes há lareiras
Com mães e noivas a rezar.*

*Mar vagabundo, mar furibundo,
Soturno mar!
Ais e tumultos, ais e tumultos.
Nas ondas roucas andam vultos
De marinheiros a boiar.*

*Mar infinito, mar infinito,
Maldito mar!
Noites e procelas, noites e procelas.
Entre lençóis, restos de velas,
Há orfãosinhos a chorar!*

Nesta casa quem compra uma vez fica sendo freguês



Lãs Lanificios Sedas
Algodões Malhas Interiores e Exteriores
Meias Peugas
E Camisaria

AGENTES DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR "LA ROYAL"

TINTAS EXCELSIOR



J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

A JANELA

(Conclusão da 3.ª Página)

a pela áspera e a boca firme. Chegam relatos de desafio de futebol. Partem recusas cheias de amargo. Em baixo, a velha que vende castanha assada. Em cima, pombos, gaiotas e nuvens esfarpadas.

De qualquer parte distante, talvez dos serões do seu velho Alentejo, vem um pensamento que o abate e sufoca, e ao mesmo tempo o liberta, como a imagem de um sobreiro descarnado e só na sua planície eterna e livre:

— E se esta velha voasse?! Se criasse asas, mais o carro das castanhas, e fosse granando por cima do rio, batendo palmas com as asas do nariz?!

Voltou-se para dentro, saiu, e o seu berro libertou-se escada abaixo:

— Senhora Rosa!
No fundo do poço a mulher apareceu. Vista de cima, mãos na cintura, nariz no ar, parecia um pote prestes a entornar-se:

— Que é?
— Quero mudar-me! Ainda tem vago algum quarto sem janelas?!

Candeias Nunes

UMA ANTOLOGIA SUECA DO CONTO PORTUGUÊS

(Conclusão da 3.ª Página)

conto. O método de escolha, afectado, com efeito, pela parcialidade do seu gosto estético, se por um lado é desculpável e portanto aceite, por outro é discutível e portanto não aceite. O que é certo é que conhecemos daqueles autores portugueses outros contos que reputamos mais representativos e o que não deixa também de ser certo é que LUNDGREN esqueceu outros contistas que bem mereciam emparceirar numa «Antologia do Conto Português».

A parte estas considerações que, repetimos, nada desvalorizam a obra de ARNE LUNDGREN, que-ros parecer, ainda, que se torna absolutamente necessária uma segunda série antológica, mais vasta e que melhor dê a conhecer o conto moderno português, porque PORTUGISISKA BERATTARE e, reconhecemo-lo, uma obra que há muito se impunha, para estreitar mais e melhor o laço espiritual entre duas literaturas. Daqui enviamos, pois, os nossos parabéns a ARNE LUNDGREN, fazendo votos para que não esmoreça na obra que pretende levar por diante.

Juciano Morais

Novidades Literárias

«Bruges, a Morta»

● Em S. Paulo, o «Clube do Livro» publicou uma antologia de escritores belgas, que abre com o famoso romance «Bruges, a Morta», de Georges Rodenbach.

● A Pérola, do grande romancista norte-americano John Steinbeck, vai ser publicada na colecção «Os Livros das Três Abelhas» na qual ultimamente, e ao preço popular de 15\$00 cada volume, têm sido reeditadas obras de grande valor romanesco como «A Mãe» de Pearl Buck, «Fança» de Alves Redol e «O Mundo não perdoa» de William Faulkner. Assim esta colecção desempenha entre nós, em matéria de reedições populares, a função da colecção francesa Le Livre de Poche.

● O Dicionário crítico de algumas ideias e palavras correntes, publicado na colecção «Estudos e Documentos» de Publicações Europa-América, é uma obra a que o seu autor o Dr. António José Saraiva, confere especial importância. É uma obra ensaística de revisão crítica, de análise e da desmistificação.

● O volume A Sexualidade do Dr. Jules Carles, editado na Colecção Saber, série normal, é uma obra científica, especializada, que estuda os problemas relativos às modalidades do sexo, à química do sexo e às «étapas» do sexo.

Prémios de Revelação

(Conclusão da 3.ª página)

3 — A atribuição dos prémios de revelação é feita mediante concurso, cujo aviso deverá ser publicado com um mínimo de seis meses de antecedência.

4 — Os concorrentes enviarão à Sociedade Portuguesa de Escritores três exemplares legivelmente dactilografados de cada obra, acompanhados de uma carta em que declarem, além do nome, idade e residência:

- a) O prémio ou prémios a que desejam concorrer;
- b) que os originais não foram ainda publicados em livros ou jornais;
- c) que desejam utilizar a faculdade que lhe é oferecida pela alínea b) do artigo 2.º, delegando na Sociedade Portuguesa de Escritores a publicação da obra.

5 — O número de páginas do texto dactilografadas em folhas de papel normal de máquina a dois espaços fixar-se-á entre os seguintes limites:

- a) Romance, novela ou contos — mínimo de 150;
- b) Poesia — limite máximo 100, mínimo 50;
- c) Ensaio de colectânea de ensaios — mínimo de 100 páginas.

6 — Os prémios serão atribuídos por juris designados pela direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e constituídos preferentemente para cada um deles por três escritores dos mais consagrados pelo público do género a que respeitam.

7 — Nos quinze dias imediatos à atribuição dos prémios, os textos originais estarão patentes na sede da Sociedade Portuguesa de Escritores, dentro das horas normais de serviço, aos editores que desejem deles tomar conhecimento.

8 — Durante este período a Sociedade Portuguesa de Escritores aceita propostas das casas editoras, em carta fechada e lacrada, para cada uma das obras, de que constem as condições em que se dispõem a publicá-la.

ANEDOTA ILUSTRADA

Recebemos mais um volume desta interessante edição da casa Henrique Torres, cuja capa sugestiva é por si só uma indicação bem eloquente do seu humorístico conteúdo.

É com prazer que verificamos que esta colecção, com cada volume que sai, vai ampliando a sua excepcional projecção e daí o interesse e o êxito que tem obtido. Bem apresentada, gráficamente perfeita, trata-se de uma obra que, pelo esmero com que é elaborada pode entrar em todos os lares.

Semeada de autênticas «vitaminas» de graça e de bom humor, é um livro que nas 128 páginas se pode considerar perfeito, devido ao rigoroso critério estético com que é feita a escolha do original, pelo preço de 8\$00 cada volume.

Assim, esta publicação é oferecida ao público numa forma clara, simples, graciosa e amena, surpreendendo-nos agradavelmente, pois consegue transmitir ao leitor a graça de que está impregnada.

Em resumo: trata-se dum livro que, como nenhum outro do género, consegue realizar a missão a que está destinado: entretenimento e bom humor, os quais prendem o leitor da primeira à última página.

TIPOGRAFIA

TIPOCOLOR

9 — A abertura das propostas é feita pela Direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, que adjudicará cada obra ao editor que der maior benefício ao escritor premiado, na base da tiragem conjugada com a percentagem, tomando-se como válidos os números mais altos de cada proposta.

10 — No caso de ficar deserto o concurso relativamente a qualquer das obras premiadas, a Direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores negociará com uma casa editora a sua publicação acautelando os respectivos direitos de autor e mencionando na apresentação da obra os nomes dos beneméritos que até à data tenham contribuído para a instituição e manutenção do fundo utilizado para subvencionar estas edições.

11 — As responsabilidades financeiras que pelo artigo 10 poderão caber à Sociedade Portuguesa de Escritores serão cobertas pelos seus recursos normais e por donativos de particulares ou de quaisquer instituições. As dadas que sejam feitas à Sociedade Portuguesa de Escritores com esta intenção serão contabilizadas em conta independente.

Nota: Os originais devem ser entregues na Secretaria da Sociedade Portuguesa de Escritores até 31 de Dezembro de 1960.

Fundo dos «Prémios de Revelação». O fundo dos «Prémios de Revelação» foi constituído a partir dos seguintes donativos:

José Rodrigues Miguéis, 5.000\$00; Acácio de Gouveia, 5.000\$00 e António de Sousa Pinto, 40.000\$00.

(Donativo da firma Livros do Brasil correspondente à importância do prémio «José Lins do Rego» de 1958 que, por decisão do júri, não foi atribuído).

Este fundo está aberto à benemerência das pessoas que entendam dever contribuir para a revelação de novos escritores e cujos nomes serão acrescentados a esta lista.

EM SILVES

Vão ser efectuados trabalhos de conservação nas Muralhas do Castelo

○ SR. Ministro das Obras Públicas concedeu, através do Fundo de Desemprego, à Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a comparticipação do Estado, no montante de 35.300\$00, para obras de conservação e consolidação nas Muralhas do Castelo de Silves.

Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

DESSPORTOS

Campeonato Nacional da II Divisão RELANCE DA JORNADA

DESPORTIVO DE BEJA, O — LUSITANO, O

RESULTADO CERTO NUM JOGO CORRECTO

Jogo no Estádio Municipal, arbitrado por Manuel Fortunato, de Évora.

D. DE BEJA — Rosas; Honório, Baião e Apolinário; Vitor e Velinho; Perdigo, Marcelino, Dionísio, Ameixa e Portela.

LUSITANO — Martinez; José Pedro, Parra e Gonçalves; Padesca e Tavares; Torres, Jaruga, José Vicente, Rodolfo e Ramires.

Assistimos no passado domingo, no Estádio Municipal de Beja, ao encontro de futebol entre o Desportivo local e o Lusitano vilarealense, e devemos dizer que o resultado se ajustava perfeitamente ao jogo desenvolvido pelas duas equipas, ao longo dos noventa minutos.

As primeiras avançadas deram a sensação de que iria assistir-se a uma partida movimentada. Os jogadores mostraram, desde logo, espírito de luta e desenharam bons lances de ataque imprimindo-lhes velocidade impressionante.

O primeiro tempo foi, em grande parte, de domínio dos lusitanistas, que causavam calafrios à defesa local. E algumas oportunidades de gol surgiram aos visitantes, duas delas em «perdas» flagrantes de Torres, que só com o guarda-redes contrário pela frente, não soube aproveitar da melhor maneira para a inauguração do marcador.

Depois destes momentos de apuro para as redes bejenses, o jogo tomou equilíbrio, repartindo-se as avançadas por um e outro meio campo, o que havia de durar até ao intervalo.

A equipa do Lusitano, atingindo o intervalo sem marca desfavorável e depois de ter jogado 45 minutos com disposição idêntica à contrária, de tentar sempre que possível forjar lances até à grande área adversária, modificou depois, nomeadamente nos últimos 35 minutos, as suas intenções, descaído as suas pedras quase todas

para o seu meio campo — somente José Vicente e por vezes Jaruga se mantiveram alerta, adiantados no terreno — no intuito, lógico, de segurar o empate, precioso, por alcançado fora de «casa».

Mais fácil foi, assim, para os lusitanistas, viver a última parte do jogo. E mais fácil porque é muito menos exaustiva a tarefa da equipa que defende do que a daquela que é obrigada, pelas circunstâncias — o facto de jogar em «casa» implica obrigações — a jogar com a ideia de ataque sem que os golos surjam. Além do desgaste físico verifica-se, então, o desgaste nervoso, o qual vai crescendo na medida em que os minutos para o final da partida se vão escoando.

Mas para o domínio dos locais contribuíram grandemente as ideias diferentes dos médios dos dois grupos. Enquanto Baião e Vitor se integraram magnificamente na argúcia, Padesca e Tavares incorreram em frequentes erros. O primeiro, parecendo pouco confiante na sua defesa, preocupando-se em protegê-la amiúde, não mais readquiriu confiança; e o segundo, insistindo em preciosismos descabidos, preferindo o passe curto em vez do lance rectilíneo e objectivo, perfeitamente justificável nas circunstâncias, só poderão ter fornecido triunfos aos bejenses.

Finalizando: resultado justo com uma parte do encontro a pertencer a cada equipa.

Estiveram em evidência, nos locais: Baião, Vitor e Rosas; e nos visitantes Jaruga, Parra e José Pedro. A arbitragem teve altos e baixos.

M. Vicente

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

Resultado do jogo efectuado no passado domingo: **Farense, 0 — Olhanense, 3**

Este resultado não foi homologado por estar pendente de reunião do Conselho Técnico desta Associação um protesto apresentado pelo S. C. Farense.

Marcou-se para hoje dia 4, o seguinte jogo: **S. L. e Faro — Portimonense**

Hóquei em Patins

NÃO foi em vão, o que se disse há bem pouco tempo acerca do hóquei em patins no Algarve, visto que se notou muito entusiasmo em algumas terras da nossa província, facto que é de louvar e que prova que a modalidade não estava esquecida ou não tinha adeptos, mas sim que apenas faltava a iniciativa.

Então, não querendo de modo algum ficar apáticos a este movimento de rejuvenescimento dessa modalidade desportiva no Algarve,

No passado domingo, realizou-se mais uma jornada do nacional da segunda divisão.

As quatro equipas algarvias que tomam parte neste conjunto registaram os seguintes resultados:

Oriental, 2 — Olhanense, 2
Farense, 3 — Sacavenense, 0
Desp. Beja, 0 — Lusitano, 0
Portimonense, 6 — Montemor, 2

Nenhuma equipa algarvia saiu derrotada nesta jornada. Duas, jogando no seu campo, venceram folgadoamente; as que jogaram no campo dos adversários empataram.

Para o Olhanense vão as honras da jornada pois conseguiu um ponto em Marvila, numa altura em que o Oriental necessitava grandemente de vencer para não perder terreno em relação aos primeiros classificados.

Os rubros-negros pouco a pouco assentaram o seu jogo e na segunda parte fizeram jus ao resultado, podendo até ter saído vencedores, pois só perto do final os lisboetas empataram num lance feliz.

O Olhanense continua assim no comando da classificação junto do seu mais directo adversário, o Farense, que no domingo venceu no seu campo o Sacavenense.

Embora derrotado por três bolas, o Sacavenense (o último classificado) nunca se deixou inferiorizar e chegou mesmo por vezes a ser a equipa mais esclarecida, com boas jogadas. Todavia, faltou-lhes audácia e força para penetrar na grande área do

TORNEIO DE APURAMENTO PARA O CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Resultados dos jogos efectuados no passado domingo:

Sambrazense, 4 — Silves, 5
Esperança, 3 — Louletano, 1

Marcaram-se para o próximo dia 4, os seguintes jogos:

Silves — Esperança
Louletano — C. D. de S. Brás

NO LUSITANO MARCO VOLTOU À EQUIPA

Depois de algum tempo afastado da equipa do Lusitano, devido a uma lesão contraída na época passada, Marco tem participado, ultimamente, nos treinos do seu clube e alinhou ontem, em Olhão, pelas reservas do mesmo, o jogador Marco Gonçalves, esperando-se o seu breve reaparecimento na turma principal.

Farense e rematar com êxito.

O grupo local, jogando lentamente, deixou muitas vezes os adversários anteciparem-se. No entanto, mereceram a vitória pelas oportunidades que lhes apareceu, muitas delas desperdiçadas por falta de calma.

Pelo seu lado, o Portimonense parece em recuperação e sem qualquer dificuldade venceu folgadoamente o Montemor que no entanto deu boa réplica.

Em Beja o Lusitano conseguiu um ponto. O resultado justifica o equilíbrio do jogo verificado entre as duas equipas.

Hoje realiza-se a décima primeira jornada com os seguintes encontros:

Lusitano-Montijo
Olhanense-Farense
V. Setubal-Portimonense

O grande encontro da jornada é, sem dúvida, o derby algarvio Olhanense-Farense e numa altura em que ambas as equipas estão na mesma posição e ambicionam vencer.

Prevê-se uma partida bas-

tante equilibrada; no entanto, inclinamo-nos para a vitória dos donos da casa, que parecem já refeitos da crise que atravessaram nas duas jornadas anteriores onde apenas conseguiram um ponto. Já no passado domingo, o Olhanense realizou uma magnífica partida, alcançando um ponto em Marvila que os manteve no comando da tabela.

Pelo seu lado, o Farense, no domingo, não se encontrou e realizou uma partida bastante modesta. Esperamos, como já é costume quando se defrontam estas duas equipas, que se agigantem e proporcionem uma boa partida.

O Portimonense, em Setubal, encontrará tarefa muito difícil. O Vitória deverá vencer e manter intactas as suas aspirações.

Finalmente o Lusitano, no seu campo, defronta o Montijo e encontrará também muitas dificuldades, mas deverá vencer.

Vitorino Constantino

VELA

Realizou-se no passado Domingo, dia 27 a 6.ª regata para a Classe Snipe, da série de 12 regatas intitulada «Torneio do Outono» em disputa na Ria de Faro, sob organização do Sport Lisboa e Faro e com a colaboração do Ginásio Clube Naval de Faro e do Centro de Vela de Faro da Mocidade Portuguesa, a qual teve o seguinte resultado:

1.º — António André e Wernher Heinen — S. L. Faro — 1600 pontos; 2.º — Fernando Prazeres e Emmanuel Estevinha — G. C. Naval — 1521 pontos; 3.º — Jorge Leiria e Pessanha Viegas — G. C. Naval — 1444p.; 4.º — Diamantino Mendes e Carlos Gonçalves — M. P. Faro — 1369 pontos; 5.º — Fernando Ferreira e José Damásio — S. L. Faro — 1156 pontos.

Não compareceram nesta regata duas tripulações da M. P. de Faro.

Após a realização desta

regata, a classificação geral ficou assim ordenada:

1.º — Fernando Prazeres e Emmanuel Estevinha — G. C. Naval — 1603,3 pontos; 2.º — António André e Wernher Heinen — S. L. Faro — 1587,5 pontos; 3.º — Jorge Leiria e Pessanha Viegas — G. C. Naval — 1523,4 pontos; 4.º — José Delfino e Francisco Manjua — M. P. Faro — 1500,3 pontos; 5.º — Silvério Augusto e António Barreiros — G. C. Naval — 1424 pontos; 6.º — Rogério Ferro e José Ferro — S. L. Faro — 1399,3 pontos; 7.º — Diamantino Mendes e Carlos Gonçalves — M. P. Faro — 1373,4 pontos; 8.º — Daniel Santana e Rodrigo Matos — M. P. Faro — 1357 pontos; 9.º — Fernando Ferreira e José Damásio — S. L. Faro — 1320,4 pontos; 10.º — António Martinho e Carlos Filipe — S. L. Faro — 1257 pontos; 11.º — José João Castro e Carlos Martins — S. L. Faro — 1153,3 pontos.

A próxima regata está marcada para hoje, dia 4 de Dezembro, com primeiro sinal às 14 horas, salvo más condições de tempo, prosseguindo o Torneio, até à conclusão da 12.ª regata, a ser disputada por 11 tripulações.

CINE-FOZ de Vila Real de Santo António

Hoje: «A Jangada» filme mexicano em eastmacolor, extraido da novela de Júlio Verne.

Quinta-feira, 8 — Pedro Infante e Luiz Aguilar, em «A Toda a Velocidade».

Sábado, 10 — O sensacional drama «O Preço do Pecado», filme francês com Danielle Darrieux.

Aniversário do C. Desportivo «OS OLANHENSES»

Esta simpática associação desportiva e cultural, que tanto tem servido o desporto local, comemorou na semana passada o XXIII Aniversário da sua fundação. Aos seus associados foi oferecido um baile que decorreu com grande animação, na noite de 30, e, no dia 1, realizou-se um jantar comemorativo que reuniu algumas dezenas de associados.

também participe neste movimento desportista que só com o seu apoio e boa vontade triunfará e poderá vir a ser, num futuro próximo, um valor no desporto nacional.

Oscar L. Seruca

EM OLIÃO
Leia o «Notícias do Algarve»
No Café Bar-Comercial
Rua do Comércio.

**PORTO
RAINHA
SANTA**

ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...



RODRIGUES PINHO
& C.
VILA NOVA DE GAIA

CLASSIFICAÇÃO

| | J. | V. | E | D. | B. | P. |
|----------------|----|----|---|----|-------|----|
| OLHANENSE | 10 | 7 | 2 | 1 | 31-8 | 16 |
| FARENSE | 10 | 8 | — | 2 | 20-10 | 16 |
| V. Setubal | 10 | 6 | 3 | 1 | 27-10 | 15 |
| Oriental | 10 | 6 | 2 | 2 | 18-7 | 14 |
| Alhandra | 10 | 6 | 1 | 3 | 25-18 | 13 |
| S. L. Olivais | 10 | 5 | 2 | 3 | 22-13 | 12 |
| PORTIMONENSE | 10 | 4 | 2 | 4 | 15-15 | 10 |
| LUSITANO | 10 | 2 | 4 | 4 | 6-12 | 8 |
| Montijo | 10 | 3 | 2 | 5 | 15-19 | 8 |
| Estoril | 10 | 3 | 2 | 5 | 12-17 | 8 |
| D. de Beja | 10 | 3 | 1 | 6 | 10-21 | 7 |
| Juventude | 10 | 2 | 1 | 7 | 7-20 | 5 |
| U. de Montemor | 10 | 2 | — | 8 | 18-33 | 4 |
| Sacavenense | 10 | 1 | 2 | 7 | 6-29 | 4 |

Jogos para hoje: Estoril-Beja; LUSITANO-Montijo; Alhandra-Oriental; OLHANENSE-FARENSE; Sacavenense-Olivais; V. Setubal-PORTIMONENSE; Juventude-Montemor.

BASQUETEBOL

Na passada noite de 25, realizou-se no campo do Clube Desportivo «Os Olhanenses» a final do torneio abertura entre as equipas do S. C. Farense e do Clube local. A partida foi bem disputada e os «Olhanenses» encaravam-na com muito entusiasmo e vontade. Chegaram a ter a vantagem de vinte pontos; mas o Farense, jogando sempre na mesma toada, foi diminuindo tal vantagem.

Perto do final, esteve em dúvida o resultado; no entanto, «Os Olhanenses» foram os vencedores certos.

Destacaram-se, Dias muito habilidoso e inteligente, Evangelista, Hernani e Santos, este último nos ressaltos da sua tabela.

No Farense, Vinhas, Dionísio e Eurico.

Jogaram e marcaram:

C. D. «Os Olhanenses»
Hernani (9) Evangelista (7)
Relvas (3) Olimpio (9) Dias (11) Santos, Rodrigues, Gilberto e Cardoso.

No S. C. Farense:

Vinhas (14) Eurico (2)
Dionísio (10) Estevinha (4)
Dias (2) Santos (4) Antero, Pereira, Soares e Amaro.

CAMPEONATO DISTRITAL

Realizou-se no passado domingo, pelas 11 horas, no

campo «Cristóvão Viegas», em Olhão, o encontro entre as equipas do S. Clube Olhanense e o Portimonense S. C.

O Olhanense apresentou, para este encontro, apenas cinco elementos em virtude da ausência de alguns dos seus melhores elementos. Assim mesmo o grupo local, jogando sempre com calma e acerto, foi do princípio ao fim superior, merecendo a vitória que poderia ter sido mais expressiva.

No Portimonense apenas se salientou o ex-sportinguista Feu.

No Olhanense destacaram-se os dois titulares Luís do O' e Manuel de Brito, o primeiro tanto a atacar como a defender; os outros também cumpriram, faltando-lhes apenas experiência, pois têm alinhado uma vez ou outra na falta de alguns titulares.

Jogaram e marcaram pelo Olhanense:

Luís do O' (16) Manuel de Brito (6) Fernandes Lopes (9) Vitorino e Oscar Lopes (8).

Pelo Portimonense:

Feu (14) Carlos Alberto (6) Pombinho (4) Acácio, Marques, Luis Santos, Rodrigo e Telmo,

VITORINO CONSTANTINO

O Busto de Luthgarda de Caires em Vila Real de S. António

(Conclusão da 1.ª página)

tista sr. dr. Álvaro Guimarães de Caires, filho da homenageada. Esta comissão poder-se-á ocupar igualmente da selecção dos inéditos de Luthgarda de Caires, que interesse ainda publicar, e da organização de um ou mais volumes das suas melhores composições, em prosa e verso, para objecto de uma possível reedição, como se tem sugerido.

Certo, pois, de que o apelo mais uma vez lançado a favor da consagração, em Vila Real de Santo António, da memória de tão benemérita poetisa e escritora encontrará, finalmente, o necessário eco no coração de todas as suas patrióticas e no sentimento regionalista das edilidades por dever interessadas, peço à Casa do Algarve, em Lisboa, que tome a iniciativa da abertura imediata da conveniente subscrição, e aos irmãos Rebochos, distintos artistas conterrâneos da homenageada, que em apoio da simpática sugestão apresentada pelo «Jornal do Algarve», no seu número de 12 do corrente, tomem a seu cuidado a apresentação do modelo de um plinto enflorado de glórias — título do primeiro livro de Luthgarda de Caires — para o busto, já existente, da autoria de Raul Xavier.

Matheus Moreno
(De «A Voz»)

Exemplo a seguir

AS CRIANÇAS DE OLHÃO VÃO TER UMA GRANDE ÁRVORE DE NATAL

Por iniciativa dos Bombeiros Municipais de Olhão, a vila cubista vai ter a sua grande «Árvore de Natal». Durante a próxima quadra festiva, graças a isso, serão distribuídos brinquedos, goluseimas, vestuário, calçado e tudo o mais que possa ajudar as crianças olhanenses necessitadas.

Por tão dignificante iniciativa, felicitamos o Corpo dos Bombeiros Municipais de Olhão — e esperamos que a outras localidades algarvias possa servir de exemplo este belo movimento de solidariedade com as crianças!

COMEMORANDO A DATA FESTIVA DO 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

TODOS os anos, no dia 1.º de Dezembro, é lembrada a grande data da Restauração da nossa liberdade como nação.

Durante longos e tristes sessenta anos, a Pátria Portuguesa sofreu os maiores desmandos. Subjugado ao domínio castelhano, o povo português sofreu e penou, viveu vegetando, forçado a tão grande humilhação.

Não eram só os espanhóis que nos escravizavam. Com eles, a seu soldo, traidores havia que os representavam na sua-nossa própria Pátria!

Em todo esse duro e largo cativeiro, tudo foi per-



Levantamento em Lisboa de João Pinto Ribeiro e outros valorosos conjurados contra o domínio castelhano

mitido aos nossos dominadores. A tal ponto, que cometiam todas as barbaridades, crenes na completa impunidade. Mas, a par de tão grande sofrimento, a esperança vivia no coração de cada português. Em cada coração de patriota, a chama da esperança criava raízes fundas, que os tornava mais conscientes da necessidade de acabarem com tamanha escravidão. Muitos dos que viveram sob o jugo castelhano jamais viram desfaldado o estandarte da libertação. Mas tal não quis dizer que para sempre do sempre a nossa amada Pátria seria presa fácil sob o domínio de Castela! Não. Os filhos dos filhos dos primeiros sacrificados de tal domínio sonhavam com o sol da liberdade. E se a conquistaram, num rasgo de ousadia e coragem, nesse longínquo e

(Conclui na 4.ª página)

“O PINTO CALÇUDO”

Depois de muitos meses de «ausência» reapareceu o jornal infantil «O Pinto Calçudo», dos alunos da Escola Primária Masculina de Vila Real de Santo António.

O n.º de agora, o 7, refere-se a Dezembro.

E' impresso em formato reduzido, tem quatro páginas e saiu no dia 1 do corrente mês.

Felicidades e longa vida, é o que «Noticias do Algarve» deseja ao seu pequenino irmão.

UMA ESTRADA MARGINAL

(Conclusão da 1.ª página)

todas as praias, e terminasse em Sagres, mesmo junto da fortaleza do Infante «...ali, onde a terra acaba e o mar começa».

Por louvável iniciativa da Câmara Municipal de Portimão, vai-se proceder ao estudo da abertura de duas novas estradas que se revestem do maior interesse para o desenvolvimento turístico, não apenas do concelho como também de toda a província.

Uma delas, a que de maior interesse se nos afigura, será a ligação da Praia do Vau com a pitoresca aldeia de Alvor, representando o prolongamento da Avenida da Praia da Rocha e servindo uma série de pequenas praias, que por pequenas e menos conhecidas, coisa alguma ficam devendo, às afamadas, em beleza e panorama.

Que as entidades que vão proceder ao estudo se compenetrarem do valor turístico que essa estrada virá a representar no desenvolvimento da província, e que quanto possível a aproximem do mar, pois é o mar e os seus atractivos um dos nossos maiores carterazes turísticos.

J. J.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM COIMBRA
na Tabacaria Ilda & C.ª Ld.
L. da Portagem, 35

A CASA ONDE NASCEU JOÃO DE DEUS

(Conclusão da 1.ª página)

cou e a cujo inquérito aludiu na imprensa (revista *Messinense*, n.º de homenagem a João de Deus)

06.º BAILE DOS ESTUDANTES

(Conclusão da 1.ª página)

Então, desde 1955, todos os anos se forma uma comissão de estudantes, que tem organizado com êxito esse baile, para o qual todos os louletanos têm contribuído e por certo continuarão a contribuir.

O lucro desses bailes tem sido destinado na sua totalidade a obras de caridade.

Desta maneira, este ano, e à semelhança dos anos precedentes, formou-se uma comissão que quer elevar mais o nível artístico e do próprio baile em si, apesar das grandes dificuldades que se lhe deparam.

Portanto, esperamos que tanto os louletanos como todos os algarvios, que nos anos anteriores têm contribuído para o bom êxito de tal iniciativa, voltem a comparecer na noite de 28 de Dezembro, mais uma vez, ao grandioso baile dos estudantes de Loulé, o qual terá este ano características distintas das dos outros anos, além de reservar a todos uma grande surpresa quanto às orquestras.

O convite fica feito e Loulé espera-vos.

dizendo: «É injustificável ingratitude da nossa gente não se ter construído em Messines, na verdadeira casa onde o Poeta nasceu, a «Casa de João de Deus» de harmonia com o que Samora Barros, o grande artista algarvio, deixou alvitrado na brilhante demonstração em o fascículo 16-18 da revista «Alma-Nova». Ora este Samora Barros, sou eu, a pessoa que lhe escreve, no intuito de lhe ser prestável dando o que pode e sabe e que em breve irá fazer a Messines uma conferência sobre a «Casa de João de Deus» preparando terreno para a afixação de uma lápide que já está feita e que deve ser colocada nessa casa da Rua da Estalagem onde a forte tradição local ainda hoje mantida, diz ter nascido o Poeta. E a lápide diz assim:

Foi nesta pequenina casa onde nasceu o grande pedagogo e genial poeta chamado João de Deus 1830-1901 — Homenagem do Grupo de Amigos de Silves.

Creio que isto o satisfará de momento. Eu tenciono publicar a palestra com todos os pormenores e esclarecimentos. Quando for a sua publicação enviarei 2 folhetos ao sr. director do jornal «Noticias do Algarve» para lhe oferecer um deles.

Ao seu dispor com admiração, pelo seu interesse

Samora Barros

16-Nov.-960

Visado pela Comissão de Censura



A DIFICULDADE DA PERSISTÊNCIA DA COR

DEIXOU DE SER UM PROBLEMA!...

Segundo dados fornecidos por Revistas estrangeiras que se dedicam em exclusivo a assuntos relacionados com a Indústria de Conservas de todo o Mundo, as conservas empapeladas quando expostas em montras ou prateleiras de mercearias, perdem as cores e os dizeres apagam-se passados os primeiros 6 dias de exposição.

Informam ainda essas Revistas especializadas que os principais agentes provocadores desse desaparecimento são os raios solares e as luzes de «néon».

TODOS OS ENVOLTÓRIOS E RÓTULOS CONFECCIONADOS NAS OFICINAS DA «TIPOGRAFIA SOCORRO» SÃO IMPRESSOS COM TINTAS ESPECIAIS EM ABSOLUTO EXCLUSIVO, TOTALMENTE INSENSÍVEIS AOS RAIOS SOLARES E À LUZ «NÉON» SENDO A PERSISTENCIA DA COR GARANTIDA PARA MAIS DE UM ANO...

APESAR DOS NOSSOS ENVOLTÓRIOS TEREM ALÉM DO SEU RIGOR TÉCNICO ESTA NOVIDADE DAS CORES PERSISTENTES OS PREÇOS SÃO MANTIDOS COMO OS MELHORES DO MERCADO.

Agradecemos a vossa consulta para verificação dos n/ serviços e preços

TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

GASOSA



JAGUAR

REVISTA “ESTUDOS ULTRAMARINOS”

DEDICADO a «problemas políticos», está publicado o n.º 3 do corrente ano da revista trimestral «Estudos Ultramarinos». Do seu índice consta: «Evolução das relações Leste-Oeste», pelo prof. Adriano Moreira; «Convívio entre pretos e brancos», pelo prof. Jorge Dias; «Os territórios não autónomos e a Carta das Nações Unidas», pelo dr. José H. Saraiva; «Alguns aspectos do problema dos quadros no Ultramar Português», pelo dr. José Júlio Gonçalves. Publica-se ainda o «Despacho Orientador sobre o prosseguimento dos trabalhos do Colonato da Cela», do subsecretário do Fomento Ultramarino.

Dirigida pelo prof. Adriano Moreira, esta publicação continua a prestigiar a nossa investigação num sector em que bem poucos conservam a coragem de vencer a precipitação momentânea, o acriticismo, pela reflexão digna e capaz, quando a «grandeza da tarefa» a tanto o exija e exige: conhecer e dar a conhecer melhor a Pátria repartida pelos quatro cantos do mundo.

«Estudos Ultramarinos» tem a sede de redacção no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (Praça do Príncipe Real, 21, Lisboa).